

LAPUTA



JOSÉ ANTÔNIO DE SOUZA

# LAPUTA

*Sátira ao ano cruel de 1972*



**FICÇÕES**

Copyright © 2014 by José Antônio de Souza

*Projeto gráfico* Alonso Alvarez

*Revisão* Luiz Carlos Cardoso

*Ilustração da capa* Detalhe da pintura *The Pilgrim*, 1966, de René Magritte

Grafia segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

## CIP-BRASIL CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

---

Souza, José Antônio de

Laputa - Sátira ao ano cruel de 1972 / José Antônio de Souza – 1ª ed. – São Paulo : Ficções Editora Ltda, 2014.

ISBN 978-85-62226-17-5

1. Literatura brasileira – Romance. 2. Romance brasileiro Moderno. 3. Romances Modernos. I. Título.

CDD : B869.355

---

### Índices para catálogo sistemático:

Literatura Brasileira : Romance	B869.3
Romance Brasileiro : Literatura	B869.3
Romance Moderno : Romance Brasileiro	B869.35

2014

Direitos de publicação reservados à

**FICÇÕES EDITORA LTDA.**

rua Corrêa Galvão, 57

01547-010 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3881-4094

[www.ficcoes.com.br](http://www.ficcoes.com.br)

[editora@ficcoes.com.br](mailto:editora@ficcoes.com.br)

## SUMÁRIO

Presente chinês,	13
Papéis avulsos,	20
A rede,	31
O ajuste de contas,	37
Os presidenciaíveis,	44
Blumenau,	50
O fugitivo,	59
O segredo da dona de casa,	68
O xis da questão,	81
Sigilo,	88
Telhados de vidro,	94
Decisões tomadas,	104
Crédito e débito,	113
O bancário novo,	128
Carangola,	143
Tentação no deserto,	152
Enquanto a grama cresce,	166
Noturnas,	180
Memorandum,	189
A insana idade,	201
A generala,	212
Frutos do mar,	229
O espírito das letras,	238
Leopoldina,	255
Il gardellino,	264
Ressurreição,	284
O potro e a maçã,	301
Ao bater do relógio,	306
O andar da carruagem,	323
Petrechos pesados,	341
A noite do meu bem,	357
O poder e a glória,	369
Montanhas de Minas,	378
Sobre o autor,	381



*Aos que atuaram nos espetáculos do Grupo Geração.  
E aos meus colegas de banco nessa época.*



“Difícilmente poderá o leitor conceber o meu assombro ao contemplar uma ilha suspensa no ar, habitada por homens capazes de fazê-la subir ou descer, de imprimir-lhe direção a seu bel-prazer. (...) Tem por nome a palavra que traduzo por “Ilha Volante ou Flutuante”, *Laputa* no original, cuja verdadeira etimologia nunca pude descobrir.

Quando alguma cidade se revolta ou se amotina, ou se entrega a desordens violentas, ou ainda se nega a pagar o tributo usual, o Rei lança mão de dois métodos para reconduzi-la à obediência. O primeiro e mais brando consiste em conservar a ilha suspensa sobre a referida cidade e os campos que a rodeiam, privando-os assim dos benefícios do sol e da chuva e afligindo os seus habitantes com carestias e epidemias; e, se julga que o crime o merece, são estes alvejados de cima com grandes pedras, contra as quais não têm outra defesa senão a de se arrastarem para as adegas e cavernas, enquanto se fazem em pedaços os telhados das casas.”

*As viagens de Gulliver / Swift*

“Eu sou aquele que os passados anos  
Cantei na minha lira maldizente  
Torpezas do Brasil, vícios e enganos.”

*Gregório de Matos*



**LAPUTA**



## PRESENTE CHINÊS

Era bancário e muito triste e às vezes amanhecia gripado. Tinha uma gravata de estimação que ia ao banco sozinha quando ele não comparecia. Trabalhava no Arquivo Morto, seção para a qual foi deportado depois de participar de uma greve. O prédio do Arquivo ficava num bairro distante da matriz e ali ele recebia e catalogava a papelada que em certo prazo seria destruída. Documentos vencidos, cheques de data antiga, ordens de pagamento recebidas e gastas, papéis que as agências descarregavam nos balanços de semestre. Ele anotava a procedência, o tipo do modelo, a data de entrada e o dia da incineração. Os documentos eram fechados em caixas de papelão distribuídas nas estantes das prateleiras metálicas de acordo com a ordem alfabética das agências. Números e barras perdiam lentamente sua importância na poeira dos corredores, mas até para esses signos em decomposição havia exigência de presteza e método. As consultas eram poucas, pois a Matriz e as agências mantinham em arquivo os papéis de vencimento recente, mas tinham atendimento imediato porque a dúvida sobre documento antigo quase sempre revelava um sério problema envolvendo funcionários ou clientes.

Ao rapaz e a sua gravata cabia a poeirosa tarefa de manter essas relíquias em estado de semimorta prontidão, até que, por decurso de prazo, fossem retiradas do plenário. A pena do degredo estabeleceu para o grevista punido um novo turno de trabalho, o período da manhã, e nesse horário era ele o único funcionário da seção. Tudo ali induzia a um à-vontade rigorosamente proibido na Matriz e ele ia aos poucos relaxando no uso da gravata,

mas dia ou outro a retirava da gaveta e lhe dava de novo o aprumo do laço e do nó, numa espécie de reaproximação afetiva de sua peça de estimação. Veterana pelo uso, furta-cor, ela atravessara no pescoço do dono as melhores noites da vida de ambos. Jogada no batente tempos depois, conquistara a simpatia dos bancários pela diversidade das cores e a qualidade macia do tecido. Tanto na Cobrança da Praça quanto na Tesouraria, seções em que o rapaz trabalhara na Matriz, ela era admirada e elogiada pelos colegas; emprestada a mais de um em fins de semana, sempre a devolviam com comentários sobre o seu sucesso junto a amigos e à namorada. Tornou-se a tira de pano mais popular de todo o sistema bancário quando um dia seu proprietário resolveu batizá-la com nome próprio: “Laputa”, nome que não só lhe aumentou a reputação como pareceu dar-lhe alma humana, alma de bancário. Na mesma greve que valera ao rapaz o exílio no Arquivo ficou conhecida da categoria inteira, dos bancários de outros bancos, e se transformou num símbolo da resistência, espécie de bandeira dos que levaram o confronto com os banqueiros até o último piquete. Os oradores discursavam paramentados com ela e, ao encerrar a oratória, desfaziam o nó e a acenavam como um pano sagrado, levando a assembleia ao refrão em coro:

– E viva Laputa!

– Viva Laputa!

Não era apenas gozação da turma dizer que Laputa ia ao banco sozinha quando o rapaz faltava ao trabalho. Na verdade, depois de jogada no batente, ela quase nunca saía do banco, guardada na terceira gaveta da mesa do dono; antes de tirá-la dali para uso no expediente, ele sussurrava “Acorda, Laputa” e tocava nela de mansinho como alguém que desperta uma pessoa querida. Os outros riam, mas nenhum deles, quando cabia a cada qual espiar a gaveta na ausência do rapaz, nenhum transgredia o ritual do despertar: “Acorda, Laputa” também sussurravam e os mais gaiatos trocavam o murmúrio: “Acorda, benzinho”, dobrando o riso dos colegas em redor. E, ao enlaçá-la no pescoço e rematar o nó, o dono grunhia e estremunhava dengosamente, simulando o bocejo dela, o seu espreguiçar para o início da obrigação. Ninguém diria desse gesto humano que não fosse ao mesmo tempo um maneirismo da gravata.

No pescoço, Laputa era mais ela. Sim, no pescoço era absolutamen-

te o primeiro modelo do gênero. Ali estava no seu trono, no seu elevado pedestal. Ali reinava sobre todas as outras, da gravata ruça dos contínuos à colorida dos diretores, soberana de nó (nisso o moço era craque) e de matizes, multicolor, furta-cor, renovando os padrões conforme o ângulo de visão, elegante sob todo ponto de vista, cara, refinada, chiquíssima, uma gravata de sultão, uma gravata de rei. Os funcionários das outras seções passavam pelo rapaz e lhe saudavam o pescoço: “Salve, Laputa!”. Os enfáticos enfatizavam: “Laputa, a Magnífica!”.

Não apenas a rainha do pescoço bancário, Laputa, mas acima de tudo uma excelente funcionária. Na Cobrança e na Tesouraria, escriturário e depois caixa, datilografando títulos e pagando cheques, o rapaz não iria além dessa eficiência mediana com que se garante a permanência no emprego ou talvez nem a alcançasse, não fora a presença da gravata acima dos ombros. Quem o conhecia desde o começo no banco era de opinião que a sua funcionalidade se dividia em duas épocas: antes e depois de Laputa. Ele próprio não discordava. Não por sentir disposição especial para aquele trabalho; mas a presença dela passou a diverti-lo pelo efeito causado ao derredor e por estimulá-lo quando aprendeu a manobra de entufar o nó como o peru estufa o papo e erguer-lhe a ponta losangular como uma serpente indiana levanta a cabeça.

A gravata foi um presente ganho em circunstância curiosa. Tinha ido ao circo e durante o espetáculo um mágico chinês solicitou a ajuda da plateia para a verificação próxima de um dos números; ele se ofereceu juntamente com uma senhora e, sob vigilância dupla, o prestidigitador fez um desses truques de desaparecimento e reaparecimento que deixam o público embasbacado pela impressão de veracidade. Gratificando os colaboradores, o chinês ofertou um lenço à senhora e a gravata ao rapaz, prontificando-se a lhes ensinar depois da sessão uns dois truques de manuseio dos panos que pudessem praticar diante de parentes e amigos. A mulher não se interessou, bastando-lhe o presente do lenço; já o moço esperou o final do espetáculo e foi tomar sua lição elementar de mágica com o ilusionista oriental.

Treinou em casa, treinou, treinou, até conseguir a fluência necessária do primeiro truque. Os colegas do setor de datilografia foram os espectadores do número de estreia: ele fez a sua tira de pano girar no centro de

uma folha de papel, a princípio redonda como um pião, depois alongada, verticalizada, tufão em miniatura cujo olho acionava com o dedo; cada giro explodia em cores, o pião feito um girassol esparramando pétalas, o tufão como se tirasse faíscas do tecido; depois enroscou as duas metades da gravata uma na outra, deu-lhes a consistência de um corpo, deixou as pontas viradas para cima e moveu essas extremidades trabalhadas assim na sugestão de patas, latindo ele próprio para ajudar na impressão da cadelinha amestrada.

O segundo truque demorou um pouco mais e lhe deu o dobro do trabalho doméstico. Usando pinça e lupa, localizou na parte interna da tessitura da gravata os pontos quase imperceptíveis assinalados pelo chinês como princípio do que chamou de “linhas invisíveis”, fios muitíssimo mais delicados, mais resistentes e mais elásticos do que os da teia de aranha, realmente invisíveis a olho nu, em cuja existência o rapaz só veio a acreditar depois de enxergá-los através de uma lente várias vezes mais poderosa que a da lupa, meada verdadeiramente microscópica, que ele definiu, ao senti-la afinal retida na pinça, como “coisa de chinês”. E exercitou de fato uma paciência chinesa, uma perseverança oriental, para ligar os pontos do princípio a determinadas partes do seu corpo – os braços, o tórax, as pernas, os pés, cada parte por vez –, criando enfim a conexão de controle da segunda mágica. Então os rapazes da datilografia (e progressivamente o pessoal de toda a seção e de toda a Matriz) viram em pleno expediente, sem que o colega interrompesse sua função na máquina, viram a gravata levantar a ponta como uma serpente indiana levanta a cabeça, erguer-se lentamente peito acima e ficar além das orelhas do escriturário, naja encantada pelo teclado do instrumento de escrever, toda trejeitos a cada batida da letra de chumbo no papel dos avisos de cobrança.

Aos poucos, as proezas da gravata foram aumentando. Subia e descia à vontade, deitava no ombro, deslizava pelas costas, enroscava-se na parte externa do colarinho, ficava empinada à altura do peito farejando o ar de um lado para outro; entrou depois a dar bicadas no colega mais próximo, saltitava, requebrava, contorcia-se numa espécie de dança do ventre, enfim, aprontava o diabo a tal gravata. Parecia realmente uma cobra viva, uma naja alegrinha e multicolor. A turma sabia que era truque, mas intrigava todo mundo essa mágica feita com absoluta naturalidade, com displicência até,

o rapaz ali no seu ofício e a gravata no pescoço multiplicando prodígios. Ninguém jamais descobriu como ele fazia aquilo, por onde, de que modo executava todas aquelas manobras. Por mais que tentassem adivinhar, por mais que reparassem nele, nunca alguém desconfiou que um simples movimento de braço, uma simples inclinação do dorso, um esticar de perna, um mexer distraído dos pés fossem as ações coordenadoras da trucagem e da pantomima de sua marionete.

Não se cria uma serpente num banco impunemente, está bem visto. O chefe de setor, depois o chefe da seção advertiram o rapaz para o efeito das risadas provocadas por ele com seu pano amestrado. Aquilo perturbava o expediente, embora o moço mesmo não deixasse de produzir. Aliás, ele era o único sério durante as peripécias da gravata. Os outros ao redor faltavam cair da cadeira de tanto rir e eram eles que davam ordens e faziam pedidos à cobrinha: “Sobe! Pula! Requebra! Deita no ombro! Dança do ventre, dança do ventre!”. Mas como os próprios chefes se divertiam a valer com aquelas acrobacias, o rapaz conciliou diversão e trabalho deixando o número para a etapa final da jornada diária, os últimos dez minutos em que toda turma de qualquer repartição fica matando o tempo à espera de bater o ponto de saída. Isso não o impedia de fazer a gravata dar botes e pinotes em pleno expediente, em showzinhos relâmpagos, breves chamadas para a exibição do fim da tarde.

Tempos depois, já conhecida de todos os funcionários da Matriz e das agências metropolitanas, veio a coroação do nome próprio. “Laputa” soou engraçado e familiar para todo mundo. Individualizou de vez aquela tira de pano que trocava de cor diariamente, doce, lépida e misteriosa criatura de coloração rotativa. Admirada antes do batismo, depois do nome passou a verdadeira queridinha dos funcionários. Ganhou identidade própria, virou bicho de estimação do banco inteiro, não pertencia somente ao seu dono e, embora implícita, a propriedade não era mais apenas dele mas de todos, e já não uma simples tira de pano em volta do pescoço mas um animalzinho vivo e irreverente. Quando passou a ser guardada na gaveta, foi como se ganhasse afinal uma casa própria em doação do funcionalismo. Aquilo virou seu ninho, seu lar inviolável e, se lhe invadiam a privacidade na ausência do rapaz, era tão-somente para verificar se estava tudo bem com ela, se

amanhecera na gaveta, e era puro chamego cada voz que murmurava:

– Acorda, Laputa. Acorda, benzinho.

Um dia o rapaz superou-se a si mesmo e atingiu o estágio de controle dos fios invisíveis buscado perseverantemente desde que passara a acioná-los: a manobra da gravata a distância, fora do colarinho dele, ela envolta no encosto da cadeira, como se ali fosse um pescoço, composta de laço e de nó, e ele do outro lado da mesa, a dois metros: meteu a mão no bolso, num gesto insuspeito, e, movendo discretamente os dedos lá dentro, fez com que a tira de pano esticasse as duas extremidades, a grossa e a fina, e projetasse as pontas em riste sobre as teclas da máquina de escrever, passando a datilografar sua ficha de identidade: LAPUTA – BANCÁRIA, SOLTEIRA E VACINADA. Era ao fim do expediente e a turma bateu palmas às gargalhadas. Aplaudida em cena aberta, Laputa curvou-se, agradeceu como uma diva e recolheu as duas pontas ao encosto da cadeira.

Foi esse o marco de sua humanização definitiva. De bichinho de estimação passou a escriturária da Cobrança da Praça. Embora só tivesse as duas extremidades para a datilografia, não catava milho como muitas pessoas que batucam com dois dedos. Aliás, a princípio catou um pouco, sim, mas duas semanas depois já rivalizava com as melhores datilógrafas da casa. No começo só atuava no teclado, apenas apertando as letras, o carro movido pelo dono dela; mas eis que um dia ela própria aciona o carro, e assim foi evoluindo para margear, espaçar, botar o papel na máquina, tirar, passar ao conferente – uma escriturária perfeita, uma senhora datilógrafa.

Sua performance progressiva levava os colegas a reiterarem elogios ao rapaz, chamando-o de “artista”. Em verdade, ele não estava satisfeito ainda. Queria chegar ao ponto máximo: fazer a gravata voar, mágica executada pelo chinês à vista das centenas de espectadores do circo com sua gravatinha-borboleta, que saltou do pescoço e deu uma volta sobre a plateia. Para o bancário, aquele foi o truque dos truques, a mágica das mágicas, a prestidigitação suprema, algo que lhe pareceu na ocasião ir além do ilusionismo. Porque para aquilo não havia a possibilidade do jogo de luz ou de espelhos ou de alçapões, como há para a levitação, como há para o ato de serrar uma *starlet* no meio e fazê-la ressuscitar inteira num outro canto do palco. A gravatinha voando sobre a plateia como borboleta, planando

como andorinha, fazendo piruetas no ar e depois voltando ao pescoço do chinês superou no conceito do moço a profusão de lenços transformados em pombos e rosas, de cartolas expelindo coelhos, de sumiços e reparações espetaculares. Teve a impressão de que a gravata-borboleta voava sozinha, em voo próprio, independente do controle do homem. Ao final, quando foi aos bastidores aprender os dois truques prometidos, indagou do mágico se a gravata dada de presente também voava. Perguntou sorrindo e a resposta lhe veio igualmente acompanhada de sorriso:

– Essa também tem asas.

Perseguiu esse voo por todo o tempo transcorrido entre a nomeação para a Tesouraria, os anos na boca do caixa e a participação na greve que lhe custou a titulação e o desterro no Arquivo Morto. Inutilmente perseguiu esse voo, fuçando a tessitura de sua tira de pano, esmiuçando os novos pontos de linhas invisíveis, sem nunca atingir com a pinça o núcleo secreto da manobra das asas. No transcorrer desse processo, deu tanto de si à gravata como recebeu dela – e nisso se baseava a observação dos colegas mais íntimos para dividir sua funcionalidade no banco em antes e depois de Laputa. Pois a concentração exercitada na pesquisa e no manuseio dos fios de controle acabou se estendendo a todos os seus atos, entre os quais ao de bater títulos e avisos de cobrança, o que antes fazia num aproveitamento pouco acima do precário, errando números e barras, rebatendo nomes, rasgando modelos, provocando a devolução do serviço pelo conferente, naturalmente em consequência de sua dispersa atenção no trabalho, pela qual, se não merecia ser classificado entre os piores funcionários (pois acertava alguma coisa), não ia além do aproveitamento regular; a caça aos fios invisíveis criou o hábito da percepção e despertou nele uma segunda natureza, essa de estar atento aos mínimos detalhes; daí não lhe escapou mais a ordem de nomes e números, barras e datas dos modelos de cobrança, e disso resultou uma melhora sensível na produção de sua datilografia; passado algum tempo, o chefe de setor comunicou ao chefe da seção a mudança de rendimento; mais alguns meses, surgindo uma vaga na Tesouraria, seu nome figurou entre os indicados para o cargo; promovido, tornou-se na sequência um caixa atento ao dinheiro recebido e pago, não exatamente pela profissão de fé na tarefa, mas sempre em consequência da concentração desenvolvida

cada vez mais na procura dos pontos de voo entre as linhas invisíveis e na busca obsessiva das asas de Laputa. Era bancário e muito triste e às vezes amanhecia gripado – e descobriu com sua gravata furta-cor a vocação do imponderável.

Isso foi o que ela deu a ele; e recebeu dele o reconhecimento afetivo que a transformou em algo mais do que uma peça de roupa, criando entre os dois uma intimidade de velhos amigos, nessa relação carinhosa que geralmente se estabelece entre o pesquisador e o instrumento da pesquisa. Essa a Laputa que partilhava com ele a solidão do desterro. Tudo ia muito bem ali dentro, tudo ia bem demais, até que um dia se deu um telefonema da Matriz comunicando terem encontrado papéis estranhos ao serviço em caixas requisitadas do Arquivo Morto – e o rapaz foi chamado a prestar esclarecimentos.

## PAPÉIS AVULSOS

A princípio, não. A ordem veio depois. A princípio, a exposição desenfreada de imagens perturbou meu entendimento a um tal ponto que julguei ter caído no miolo de uma máquina trituradora cuja função elementar consistisse em deglutir quadros vivos mas desconexos, uns após outros e uns sobre outros, em sequências e fusões disparatadas, como se um pintor de ações em movimento tivesse perdido o domínio dos pincéis e das tintas e projetasse em sua tela uma sucessão descontínua de figuras e cenas, a que dava não apenas o contorno do desenho mas uma ressonância de ruídos e sensações. Aos poucos adquiri o controle do susto. Levei minha percepção à imobilidade absoluta e nesse estágio ativo da inércia apreendi vagarosamente o sentido e a consequência do mistério: tratava-se do pensamento na cabeça do rapaz.

Descobri que meu homem é todo imagens (mais tarde descobriria que todo homem é pura imagem) e que ele as projeta – ou elas se projetam – numa sucessão ininterrupta dia e noite; essa emissão sem fadiga constitui o corpo daquilo que a raça bancária chama de pensamento. Vim conhecer